

ESPAÇOS PÚBLICOS DE LAZER E ATIVIDADES ESPORTIVAS NO AMBIENTE URBANO:

o que ensinam os principais planos e projetos de
intervenção

EIXO TEMÁTICO I: Trajetórias, Institucionalização e Circulação de Ideias no Urbanismo

MEDEIROS, Vítor Spinelli de

Geógrafo, Arquiteto e Urbanista; PPGAU-UFRN
vitor.spinelli.099@ufrn.edu.br

LIMA, Ana Beatriz Moreira Feitosa de

Arquiteta e Urbanista
biiamoreiraf@gmail.com

ELALI, Gleice Azambuja

Prof.^a Dr.^a de Arquitetura e Urbanismo; PPGAU-UFRN
gleiceae@gmail.com

RESUMO

Este artigo apresenta a evolução dos espaços públicos de lazer e atividades esportivas no ambiente urbano, por meio da revisão de relatos sobre os mais proeminentes planos e projetos de intervenção desenvolvidos a partir do século XIX. Busca-se lançar luzes sobre como diferentes correntes urbanísticas abordaram a recreação no contexto de resposta às crises urbanas. Inicialmente examinam-se soluções higienistas e de reintegração da natureza ao cotidiano em reformas do século XIX, como as de Haussmann em Paris, de Cerdà em Barcelona, e de Howard nas cidades-jardim. Em seguida, discutem-se as propostas funcionalistas e de zoneamento dos espaços do movimento Moderno, com destaque para Lucio Costa e a cidade de Brasília. Em sua última parte, o texto comenta a transição para o urbanismo neoliberal, caracterizado pela privatização e pela lógica de consumo nos espaços de lazer. Como conclusão, observa-se que a configuração desses espaços é um reflexo do *zeitgeist* de cada época, tendo evoluído com a própria construção do urbanismo como campo científico e com o pano de fundo dos contextos culturais, ideológicos e socioeconômicos de cada momento, cuja compreensão/estudo é fundamental para o entendimento do planejamento urbano e o desenvolvimento de futuras proposições no campo.

Palavras-chave: planejamento urbano; lazer; atividades esportivas; urbanismo.

PENSAR FORA DO EIXO

ABSTRACT

This paper presents the evolution of public spaces for leisure and sports activities within the urban environment by reviewing reports of the most prominent intervention plans and projects developed since the 19th century. It aims to shed light on how different urban planning movements addressed recreation as a response to urban crises. Initially, the article examines hygienist solutions and efforts to reintegrate nature into daily life found in 19th-century reforms, such as those by Haussmann in Paris, Cerdà in Barcelona, and Howard with the garden cities concept. Then discusses the functionalist proposals and spatial zoning characteristic of the Modern Movement, highlighting the work of Lucio Costa and the city of Brasília. The final section addresses the transition to neoliberal urbanism, characterized by the privatization and consumerist logic applied to leisure spaces. In conclusion, the article observes that the configuration of these spaces reflects the zeitgeist of each era, having evolved alongside the development of urban planning as a scientific field and with the backdrop of the cultural, ideological, and socioeconomic contexts of each period, an understanding of which is essential for grasping urban planning and developing future proposals in the field.

Keywords: urban planning; recreation; sports activities; urbanism.

RESUMEN

Este artículo presenta la evolución de los espacios públicos para actividades de ocio y deportivas en el entorno urbano, mediante una revisión de informes sobre los planes y proyectos de intervención más destacados desarrollados desde el siglo XIX. Busca esclarecer cómo las diferentes corrientes de planificación urbana abordaron la recreación en el contexto de la respuesta a las crisis urbanas. Inicialmente, examina las soluciones higienistas y la reintegración de la naturaleza a la vida cotidiana en las reformas del siglo XIX, como las de Haussmann en París, Cerdà en Barcelona y Howard en las ciudades jardín. A continuación, analiza las propuestas funcionalistas y de zonificación del Movimiento Moderno, destacando a Lucio Costa y la ciudad de Brasília. En su parte final, el texto comenta la transición al urbanismo neoliberal, caracterizado por la privatización y la lógica del consumo en los espacios de ocio. En conclusión, se observa que la configuración de estos espacios es un reflejo del zeitgeist de cada época, habiendo evolucionado con la propia construcción del urbanismo como campo científico y en el contexto de los ámbitos culturales, ideológicos y socioeconómicos de cada momento, cuya comprensión/estudio es fundamental para entender la planificación urbana y el desarrollo de futuras propuestas en este campo.

Palabras clave: planificación urbana; ocio; actividades deportivas; urbanismo.

PENSAR FORA DO EIXO

INTRODUÇÃO

Enquanto objeto de estudo científico a cidade passou a se consolidar a partir de meados do século XIX e início do século XX, quando as primeiras teorias sobre o urbano começaram a ser desenvolvidas (Topalov, 1991, p. 29). O fenômeno urbano foi (e é) estudado por campos diversos disciplinares, como Sociologia, História, Economia, Direito, Geografia, Arquitetura, dentre outros. Este fato diz bastante sobre o próprio objeto de estudo, uma vez que a cidade é extremamente complexa. As teorizações sobre o urbano, sobre o que é a cidade, perpassam os mais diversos aspectos que a compõem e por isso tantas disciplinas são recrutadas para corroborar com essa compreensão. Essa complexidade e diversidade da cidade se encontram tanto na variedade de questões e aspectos (como habitação, mobilidade, economia, relações interpessoais ou lazer) quanto na forma como cada disciplina os observa. Um elemento da cidade como a habitação pode ser analisado do ponto de vista econômico, buscando compreender custos do desenvolvimento habitacional, valores de compra e venda, aluguéis; do ponto de vista sociológico, como as pessoas se relacionam com a habitação, seus modos de viver, como as relações ocorrem em diferentes tipos de habitação; do ponto de vista arquitetônico, observando dimensões, qualidade de materiais construtivos, compatibilidade de programação arquitetônica, implantações; as lentes que cada disciplina oferece sobre os temas são infindas e, se combinadas (esta seria a ideia de um campo disciplinar unificado sobre o fenômeno urbano e cidades), podem tentar fornecer uma compreensão mais holística sobre as cidades. Essa tarefa ainda está em processo de consolidação e talvez nunca chegue a um consenso, mas o esforço de cada pesquisador interessado nesse objeto deve ser o de, pelo menos, tentar ampliar os horizontes.

Como dito, as dimensões e aspectos da cidade são múltiplos e, em sua grande maioria, só puderam existir (e ainda o são) em função do próprio fenômeno da cidade. Desde as dimensões técnicas mais recentes como a Internet das Coisas (IoT), as plataformas de economia compartilhada (aplicativos de entrega, transporte, estadia, entre outras), passando por estruturas já consolidadas, como as redes de energia elétrica, distribuição de água, coleta de esgotos, drenagem urbana, gás, os sistemas de saúde e educação pública, até as funções mais primitivas, como a organização, gestão e acontecimento da vida social cotidiana, a criação e uso de locais para cerimônias litúrgicas e a expressão da dominação territorial (Rolnik, 2004, p. 8). Pensar nesses fenômenos sem pensar nas cidades parece improvável, mesmo que, com o avanço de algumas áreas tecnológicas, seja possível acessar a internet em locais remotos e realizar entregas com aeronaves não tripuladas, o que permitiria a uma pessoa em uma área rural mais isolada, por exemplo, ter acesso a alguns dos

PENSAR FORA DO EIXO

artigos disponíveis nas cidades. No entanto, o volume e concentração desses bens e serviços está invariavelmente nos centros urbanos.

Não à toa, nas últimas duas décadas a população mundial passou por uma inversão, com a concentração de pessoas em áreas urbanas superando a em áreas rurais e crescendo, enquanto o quantitativo de pessoas em áreas rurais manteve-se praticamente estagnado desde o ano de 2008. No Brasil, essa inversão ocorreu ainda na década de 1960, porém desde a década seguinte, enquanto a população em áreas urbanas vem aumentando vertiginosamente, a em áreas rurais passa por um lento, mas visível decréscimo (Ritchie; Samborska; Roser, 2025). A cidade é realmente um ímã de pessoas (Rolnik, 2004, p. 12) e o fenômeno urbano é realmente um fenômeno, principalmente se recapitularmos o que foram os primeiros ensaios de cidades, desde as aldeias neolíticas, com poucas dezenas de edificações primitivas (Benevolo, 2007, p. 16) até os mais recentes planos para cidades sustentáveis do futuro no meio de desertos paradisíacos (O Globo, 2025). A cidade proporcionou e proporciona experiências, estímulos, capacidades e formas de viver que não poderiam existir de outra maneira. Há atividades que são intrínsecas ao meio urbano e que não fariam sentido ou não poderiam existir em ambientes rurais ou aglomerados isolados, como a rede de transportes públicos, os centros comerciais, as arenas esportivas, as já mencionadas infraestruturas de serviços, entre outras. Essas são atividades que dependem da concentração e do movimento de pessoas da forma como acontece nas cidades. Fica difícil imaginar um Maracanã em meio às plantações de soja do Mato Grosso.

Os campos acadêmicos costumam abordar verticalmente ou tematicamente cada um desses conjuntos de atividades urbanas. Busca-se aqui um recorte, dentro da gama de aspectos da cidade, para o espaço público, entendido de maneira mais geral como “o lugar, praça, rua, shopping, praia, qualquer tipo de espaço onde não haja obstáculos à possibilidade de acesso e participação de qualquer tipo de pessoa” (Gomes, 2012, p. 162). Mais especificamente, busca-se compreender, em primeira aproximação, como os espaços públicos para o lazer e atividades esportivas foram abordados nas propostas de intervenções na cidade no âmbito do planejamento e projeto urbano ao longo da história, em um recorte temporal a partir das cidades industriais, pois

Sabe-se que, nas sociedades pré-industriais, as atividades lúdicas, hoje atribuídas ao lazer, estavam ligadas ao culto, à tradição, às festas e não existia de fato o lazer em si, pois as atividades de trabalho envolviam ludicidade e prazer criativo. O trabalho e o lazer se intercalavam no cotidiano do indivíduo. O trabalho e o tempo subjetivo eram difíceis de serem percebidos separadamente, pois ambos possuíam intrínsecas relações (Aquino; Martins, 2007, p. 485).

PENSAR FORA DO EIXO

Não serão, portanto, abordadas aqui atividades como as acrobacias e o atletismo no Egito antigo (Gama-Rolland, 2017), os jogos olímpicos na Grécia antiga (Rubio, 2003), os eventos no Coliseu da Roma antiga (Araújo, 2008) ou as justas das cidades medievais (Costa; Oliveira, 2019). O presente artigo objetiva explorar, no contexto das cidades a partir do século XIX, mais especificamente as ideias, planos e projetos de intervenção urbanística de nomes como Ildefonso Cerdá, Georges-Eugène Haussmann, Ebenezer Howard e Lúcio Costa.

1 UM OLHAR HISTÓRICO PARA AS CIDADES E O LAZER URBANO

As cidades industriais foram responsáveis pelas primeiras grandes concentrações populacionais, impulsionando as primeiras transições de maior expressão da população rural para o meio urbano. Nesse contexto, até meados do século XIX, havia um balanceamento entre trabalho e lazer nas cidades, fruto da herança dos meios de vida mais ruralizados e do modo de produção manufatureiro. No entanto, a partir dos séculos XVI e XVII, com o surgimento das fábricas, da especialização do trabalho e da aglomeração das atividades produtivas nas cidades, as atividades lúdicas passaram a ser vistas como menos importantes e prejudiciais aos novos modos de produção (Mumford, 2004, p. 483). Essa hiperexploração do trabalho fabril transformou algumas cidades em locais tão inóspitos quanto qualquer cenário pós-batalha, com altas concentrações de lixo, dejetos, poluentes, além de colocar as pessoas em situações de completa insalubridade (Hall, 2005a).

Esse parece ter sido o primeiro grande momento de crise das cidades, quando o fenômeno urbano, então balizado pela produção industrial, desencadeou tamanhos problemas que afetaram não somente as pessoas mais desfavorecidas, mas os que detinham poder e condições financeiras, como descreve Benevolo (2007, p. 552): “os defeitos da cidade industrial parecem por demais numerosos e incomuns para que possam ser eliminados completamente. Entre a realidade e o ideal, a diferença parece impossível de ser preenchida”. Essa crise dá início às primeiras tentativas de respostas/soluções baseadas em um pensamento mais racionalizado, que dali para frente serão incorporados nos estudos sobre as cidades, na figura do planejamento urbanístico. Nesse âmbito, serão abordados três momentos: (i) crise das cidades industriais no século XIX, com os exemplos de Paris, Barcelona e Letchworth; (ii) movimento moderno, pós-guerras, com a Carta de Atenas e Brasília; e (iii) a cidade neoliberal após a segunda metade do século XX: tudo é pago.

As primeiras propostas, em caráter mais utópico e experimental, vieram de nomes como Robert Owen e Charles Fourier, que desenvolveram ideias de assentamentos humanos afastados das cidades, focados na qualidade de vida e sobretudo das habitações (Benevolo, 2007, p.567–568).

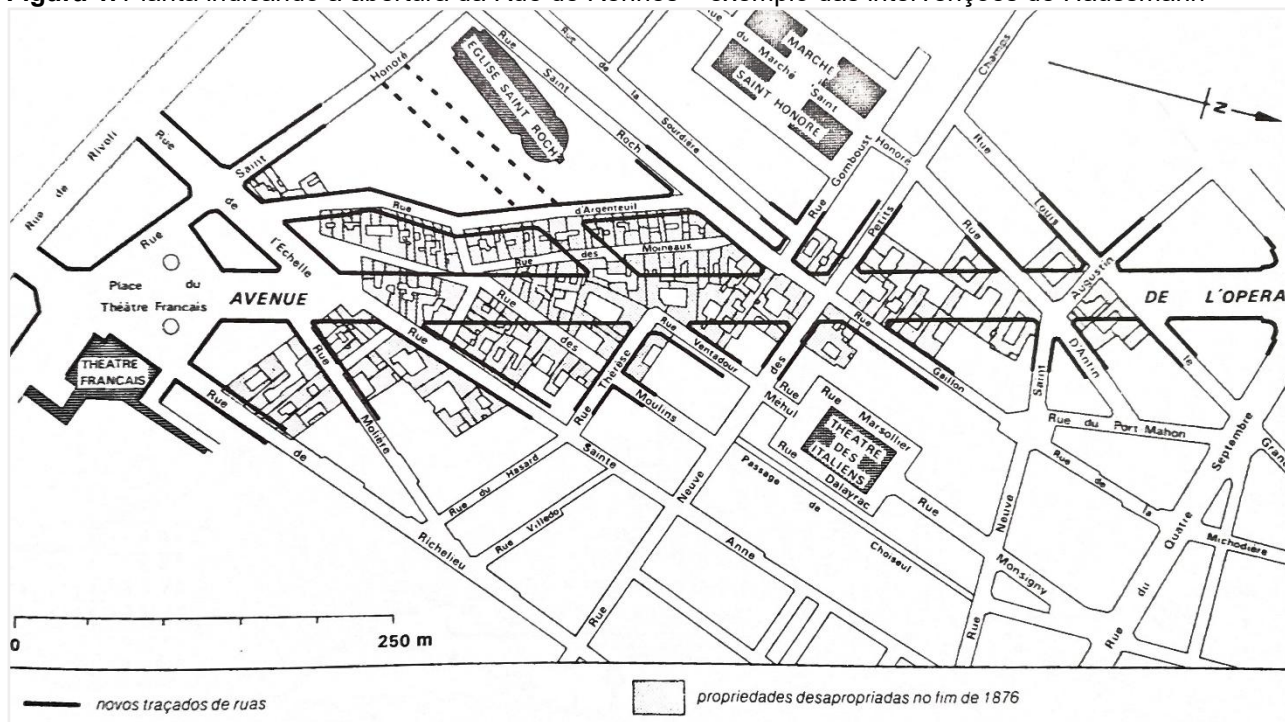
PENSAR FORA DO EIXO

Owen idealizou um formato de aldeia-modelo gerida cooperativamente e Fourier desenvolveu a ideia do Falanstério, uma unidade ou um conjunto de grandes edifícios comunitários. Esses modelos “têm em vista resolver de forma pública todos ou quase todos os aspectos da vida familiar e social. Nascem do protesto pelas condições inaceitáveis da cidade existente [...] [e antecipam] a pesquisa coletiva da arquitetura moderna que terá início no século seguinte” (Idem, p. 568), porém são modelos-teste, que não vão encontrar concretude e longevidade em suas aplicações. É interessante notar a preocupação com a qualidade de vida dos habitantes, englobando o lazer e potencialmente as práticas esportivas, sendo previstos elementos como parques, jardins, pátios, salas de jogos e piscinas (Ibidem, p. 570).

1.1 Crise das cidades industriais no século XIX

O primeiro exemplo concreto de maior relevância no contexto das grandes transformações urbanas foi o caso da cidade de Paris sob o comando do Barão Haussmann (Benevolo, 2007, p. 589), que apesar de ser advogado de formação, foi funcionário público, político e, à época das reformas, era prefeito de Paris (departamento do Sena) nomeado por Napoleão III. As principais intervenções compreenderam a criação de largas e novas vias (Figura 1), com mais de 90 quilômetros nos arredores da Paris medieval e 70 quilômetros na periferia, acarretando a demolição de milhares de edificações e vias existentes, o que gerou, como era de se esperar, diversos conflitos. No entanto, Haussmann possuía plena autonomia para atuar na cidade e contava com apoio integral das forças econômicas, políticas e militares. Aliado à abertura das vias, foram instalados novos aquedutos, sistemas de esgotamento sanitário, iluminação pública, redes de transporte, implementadas novas escolas, hospitais e outros aparatos governamentais (Benevolo, 2007, p. 593), além da criação e aplicação de uma série de instrumentos regulatórios sobre composição de fachadas de edificações e controle de gabarito (Benevolo, 2007, p. 595). Destaca-se, sobretudo, a criação dos grandes passeios (boulevards), praças e parques públicos, com o Bois de Boulogne e o Bois de Vincennes. Todos esses ambientes eram dotados dos melhoramentos e embelezamentos desejados pela burguesia, com áreas para convivência, lazer e esportes, como lagos, cascatas, hipódromos, zoológicos, jardins, vias para pedestres e ciclistas, espaços para prática da Promenade. Pode-se dizer que havia uma preocupação com as ocupações de lazer e esportes (mesmo que para uma pequena parcela da população, a priori) no planejamento das cidades porvir.

PENSAR FORA DO EIXO

Figura 1. Planta indicando a abertura da Rue de Rennes – exemplo das intervenções de Haussmann

Fonte: Benevolo, 2007, a partir de L'illustration, 1868.

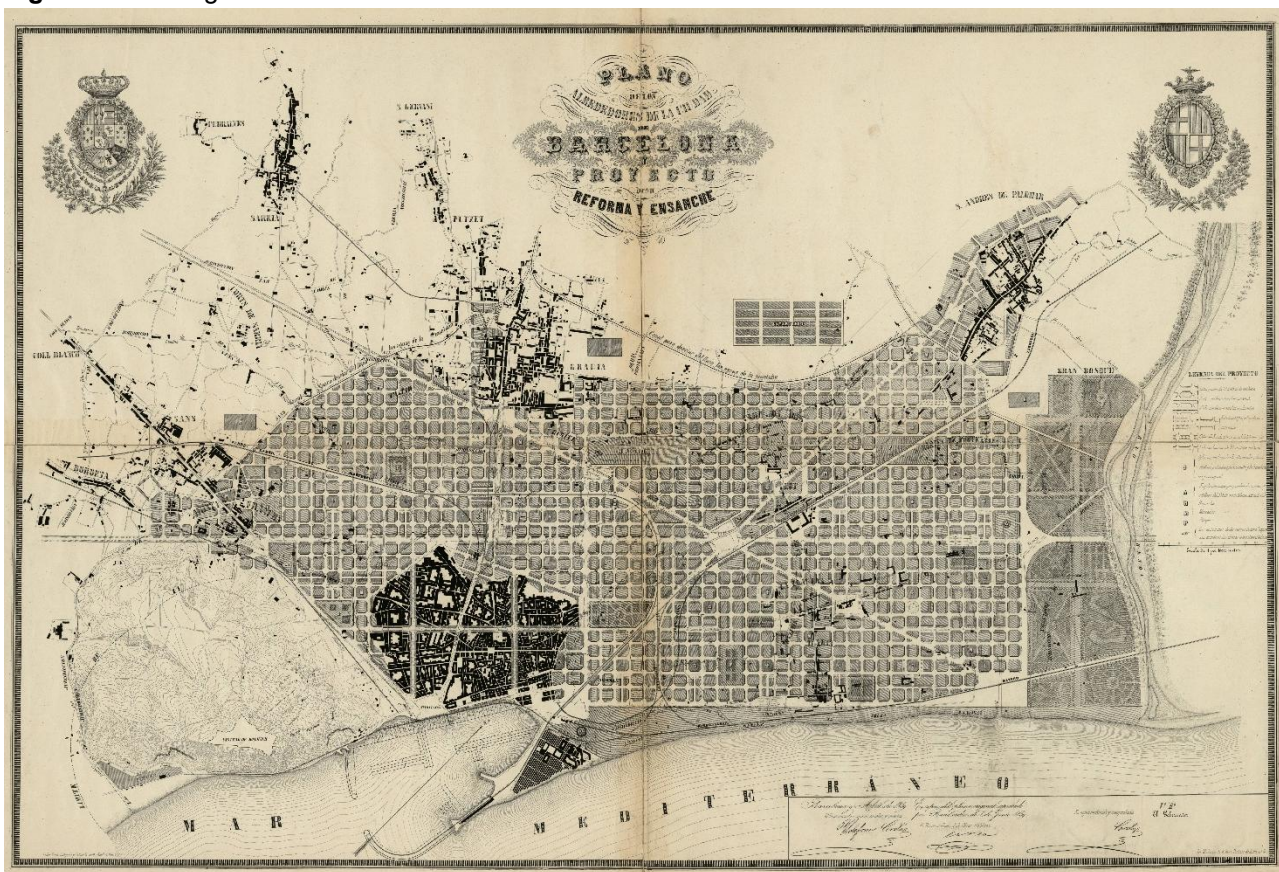
Na mesma seara, a cidade de Barcelona foi alvo de intervenções planejadas por Ildefons Cerdà — engenheiro civil catalão que também atuou na política espanhola — no contexto de um concurso público para o projeto de expansão a partir da autorização da demolição das muralhas que cercavam a cidade medieval (Aiba; Bijker, 1997, p. 7). Apesar de também intervir na porção antiga, assim como no caso de Paris, o grande enfoque da proposta em Barcelona foi a expansão da cidade. O projeto foi elaborado utilizando uma malha geométrica ortogonal, desconectada do traçado original das vias medievais, com largas avenidas diagonais de interseção irradiadas a partir de uma grande praça, criada como uma nova centralidade da expansão da cidade, a *Plaça de les Glòries Catalanes*, além disso, os quarteirões, por padrão, têm formato octogonal, o que cria chanfros em suas esquinas, contando com edificações nas bordas e áreas livres no interior (Idem, p.11).

As ideias de Cerdà, baseadas principalmente em princípios higienistas, foram traduzidas em alguns elementos do projeto, como a distância entre quadras para garantir a circulação de ar entre blocos de edifícios, além de regramentos e prescrições urbanísticas e arquitetônicas visando a qualidade de vida dos habitantes, como uma taxa de ocupação máxima de 50% dos quarteirões, deixando o restante para áreas livres e jardins (Aibar; Bijker, 1997, p. 17). Embora o projeto original (Figura 2)

PENSAR FORA DO EIXO

previsse a criação de áreas e equipamentos para o lazer e esportes, como hipódromos, praças e alguns parques distribuídos ao longo da nova malha, a grande aposta de Cerdà estava na configuração das áreas internas das quadras, que deveriam ficar livres e passíveis de circulação pelas pessoas, conformando um grande sistema de jardins e espaços verdes ao longo da cidade, mesmo em um contexto de alta densidade construtiva (Casellas, 2009, p.819). No entanto, grande parte das suas ideias foram modificadas, como é de praxe em qualquer processo público, e questões como uma maior ocupação do espaço dos quarteirões, o fechamento das áreas internas para uso exclusivo dos edifícios, por exemplo, deixaram a cidade de Barcelona mais distante do ideal urbanístico imaginado pelo engenheiro.

Figura 2. Planta geral do Plano Cerdà



Fonte: Ildefons Cerdà i Sunyer - Museu d'Historia de la Ciutat, Barcelona, 1859.

Na Inglaterra, assim como na grande maioria das cidades europeias naquele contexto industrial, intervenções se faziam extremamente necessárias, no entanto, as abordagens não foram radicais como as de Paris e Barcelona. Ao contrário da intervenção estatal forte e “bulldozeana”, e só após a segunda metade do século XIX, o taquígrafo e precursor de estudos urbanos, Ebenezer Howard

PENSAR FORA DO EIXO

desenvolveu a ideia das Cidades-jardim (Hall, 2005b). A principal ideia de Howard era a de um afastamento (mas não tanto) dos lotados centros urbanos ingleses, para conformação de aglomerados populacionais integrados à natureza, uma espécie de reintegração ao mundo rural, porém nos limites das benesses do urbano (Hall, 2005b, p. 109), tratando-se aqui de uma expansão não contígua dos centros urbanos, basicamente criando novas cidades, ao contrário do que se fez em Paris e Barcelona. As cidades-jardim deveriam ter tamanhos limitados, ser conectadas entre si e com os centros urbanos para uma maior integração e não tinham intervenções governamentais, constituindo empreendimentos privados, alinhados com a filosofia política/econômica liberal inglesa, com influências norte-americanas (Hall, 2005b, p. 111).

A primeira execução prática das ideias de Howard foi a cidade de Letchworth, ao norte de Londres. Criada sobre um terreno de 1.500 hectares, o projeto foi desenvolvido pelos arquitetos Barry Parker e Raymond Unwin e contava com um zoneamento distribuído em áreas residenciais, industriais, além de um centro da cidade, conectados por vias e jardins (Figura 3). Algumas das premissas do desenho urbano proposto pelos arquitetos envolviam a manutenção de árvores e áreas verdes pré-existentes e o respeito à topografia natural, incorporando “colinas, pomares, trilhas para gado, poços, lagos e bosques ao desenho das ruas [...] ao invés de começar o traçado do zero como uma tábula rasa” (Pastor; Canniffe; Jiménez, 2023, p. 8, tradução própria). Além da proposta bucólica e pitoresca permeada pelo verde, alguns dos quarteirões das áreas residenciais propostas para Letchworth eram dotados de áreas comuns para o lazer e atividades esportivas, como parques infantis, quadras esportivas e hortas, no entanto, esses espaços eram locados, similarmente à proposta de Cerdà, no interior dos quarteirões, configurando espaços semipúblicos (Idem, 2023, p. 8).

PENSAR FORA DO EIXO

Figura 3. Masterplan da cidade-jardim Letchworth



Fonte: Barry Parker and Robert Unwin, 1904.

As três abordagens-respostas à situação das cidades industriais da Europa em meados do Século XIX apresentadas aqui têm suas similaridades e óbvias diferenças, sobretudo em função do pano de fundo geográfico e social contenedores das particularidades de cada um dos países (França, Espanha e Inglaterra). Porém, observando o aspecto dos espaços públicos voltados para o lazer e práticas esportivas, é possível identificar uma preocupação com esses fatores, sobretudo alinhados às premissas de melhoria da qualidade de vida das pessoas, em contraposição ao extremo estágio no qual as cidades industriais chegaram, eliminando quase na totalidade os vestígios do meio natural (Santos, 2013. p. 37). A ideia de lazer (com as atividades esportivas incorporadas aí) parece estar, nos três casos, conectada à ideia do convívio com a natureza, percebidos nas ações de arborização, criação de praças, parques, ou até no caso mais bucólico de Letchworth, toda uma cidade-jardim.

1.2 Movimento moderno e pós-guerras

O seguinte período robusto de planejamento e intervenção nas cidades foi proporcionado pelo Movimento Moderno no início do século XX. Esse movimento foi impulsionado, dentre outros fatores, pelo resultado das guerras, sobretudo após a Segunda Guerra Mundial, quando as cidades europeias foram amplamente arrasadas e precisaram passar por reconstruções (Lamas, 2007, p.297). O movimento moderno configura propostas de ruptura e reformulação do *status quo* nos mais diversos campos artísticos e sociais (Benevolo, 2007, p. 615). No âmbito da produção arquitetônica, essas rupturas podem ser observadas nitidamente nas distintas formas simplificadas e composições funcionais, pautadas na racionalidade e funcionalidade. O planejamento e projeto das cidades, sob essa perspectiva, passaram também por proposições disruptivas, opostas à lógica formal até então existente. É nesse período que são formuladas:

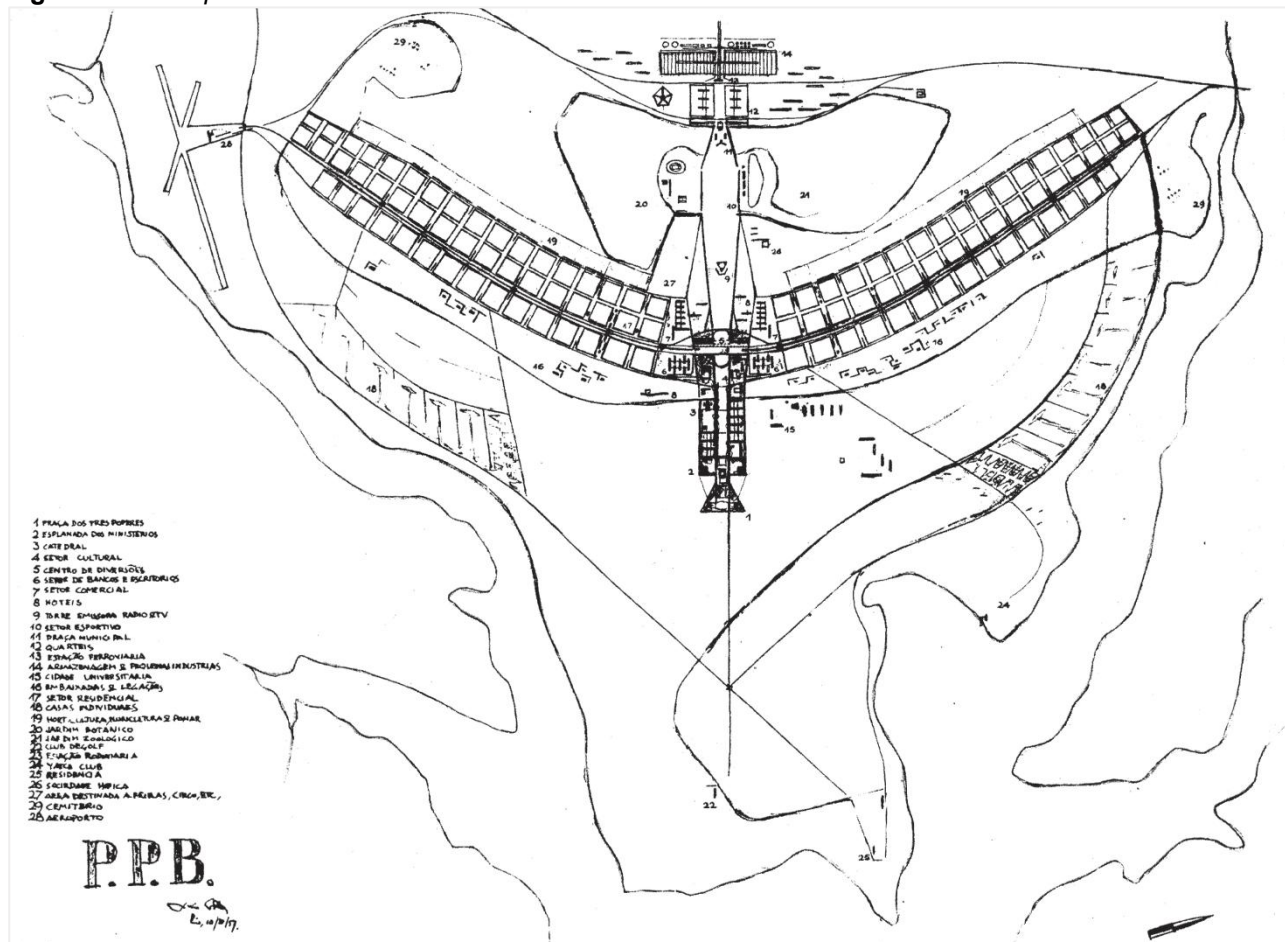
todas as experiências de destruição e abandono do quarteirão, da rua e até da própria praça; que em seu lugar se propõem as tipologias da torre, da banda e do bloco; que a cidade deixa de se organizar como mistura funcional para se dividir em zonamentos rígidos; e em que se dá a quebra de integração recíproca dos vários elementos morfológicos que constituem a estrutura urbana (Lamas, 2007, p. 298).

Um dos grandes marcos do Movimento Moderno para o urbanismo foi a publicação da Carta de Atenas no 4º Congresso Internacional da Arquitetura Moderna (CIAM) em 1933, um manifesto urbanístico — ainda sob a influência dos não resolvidos e novos problemas das cidades industriais e suas expansões (Benevolo, 2007, p. 598) — que propôs diretrizes e linhas de ação impositivas e radicais para atuação nas cidades. Dentre os principais conteúdos da carta, são definidas quatro funções (princípios norteadores) da cidade moderna: habitar, trabalhar, recrear-se e circular, a partir das quais são desenvolvidas as ideias de zoneamentos que viriam a ditar a localização e distribuição dessas funções nas cidades, visando uma organização plena e supostamente racional. Em crítica às cidades do Século XIX, nas quais “a mistura funcional gerava numerosos problemas, a urbanística moderna preocupar-se-á obsessivamente pela boa arrumação e distribuição dos usos do solo. [...] A lógica funcionalista zonifica a cidade por funções e determina a concepção urbana por sistemas independentes” (Lamas, 2007, p. 303). Algumas ideias conceituais foram desenvolvidas seguindo os princípios modernos como a Ville Radieuse do arquiteto Le Corbusier e a Broadacre City de Frank Lloyd Wright, no entanto o grande exemplo concreto das premissas urbanísticas modernas foi a construção da cidade de Brasília. A cidade foi projetada por Lúcio Costa com uma setorização minuciosa (Figura 4), zoneando-a, dentre outros em: setor cultural, centro de

PENSAR FORA DO EIXO

diversões, setor comercial, setor hoteleiro, setor esportivo, praça municipal e setor residencial (IPHAN, 2018, p. 42).

Figura 4. Masterplan da cidade de Brasília



Fonte: IPHAN, 2018 – original de Lúcio Costa, 1957.

As premissas do movimento moderno para os espaços destinados ao lazer e atividades esportivas seguem a tendência dos movimentos anteriores, com valorização das áreas verdes e encontro com a natureza como balizadoras da qualidade de vida, reforçando-as ainda mais, por meio do zoneamento e destinação específica. Os modernistas entendem que:

as atividades recreativas são reavaliadas, e requerem espaços livres apropriados, esparsos por toda a parte da cidade (as zonas verdes para o jogo e para o esporte perto das casas, os parques dos bairros, os parques da cidade, as grandes zonas verdes protegidas no território, isto é, parques regionais e nacionais); estes espaços verdes — que na cidade burguesa são ilhas separadas num tecido construído compacto — devem formar um espaço único, onde todos os outros elementos resultem livremente distribuídos: a cidade se torna um parque aparelhado para as várias funções da vida urbana (Benevolo, 2007, p. 631).

PENSAR FORA DO EIXO

O movimento urbanista moderno sofreu críticas após as malsucedidas experiências, tendo como ápice — considerada a morte do movimento moderno — a demolição do conjunto habitacional Pruitt-Igoe, desenvolvido entre 1954 e 1955 na cidade de St. Louis e demolido brevemente no ano de 1972, atestando, em parte, o fracasso de algumas premissas dos modelos modernistas de planejamento urbano. O movimento pós-moderno, retomando ideias anteriores, indica que os planejadores deveriam considerar as cidades como fenômenos, por natureza, mais fragmentados, com sobreposição de materializações de tempos distintos e, por isso, deveriam levar mais em consideração a tradição vernacular de construção, o contexto histórico e cultural das cidades. Além disso, as propostas do movimento modernista se mostraram insustentáveis e danosas às cidades, com o caráter “antiecológico” do zoneamento monofuncional, que não considerava as reais e pretéritas formas de ocupação e utilização do espaço urbano realizado pelas pessoas, gerando fluxos desnecessários nas cidades (Harvey, 2009).

1.3 A cidade neoliberal após a segunda metade do século XX

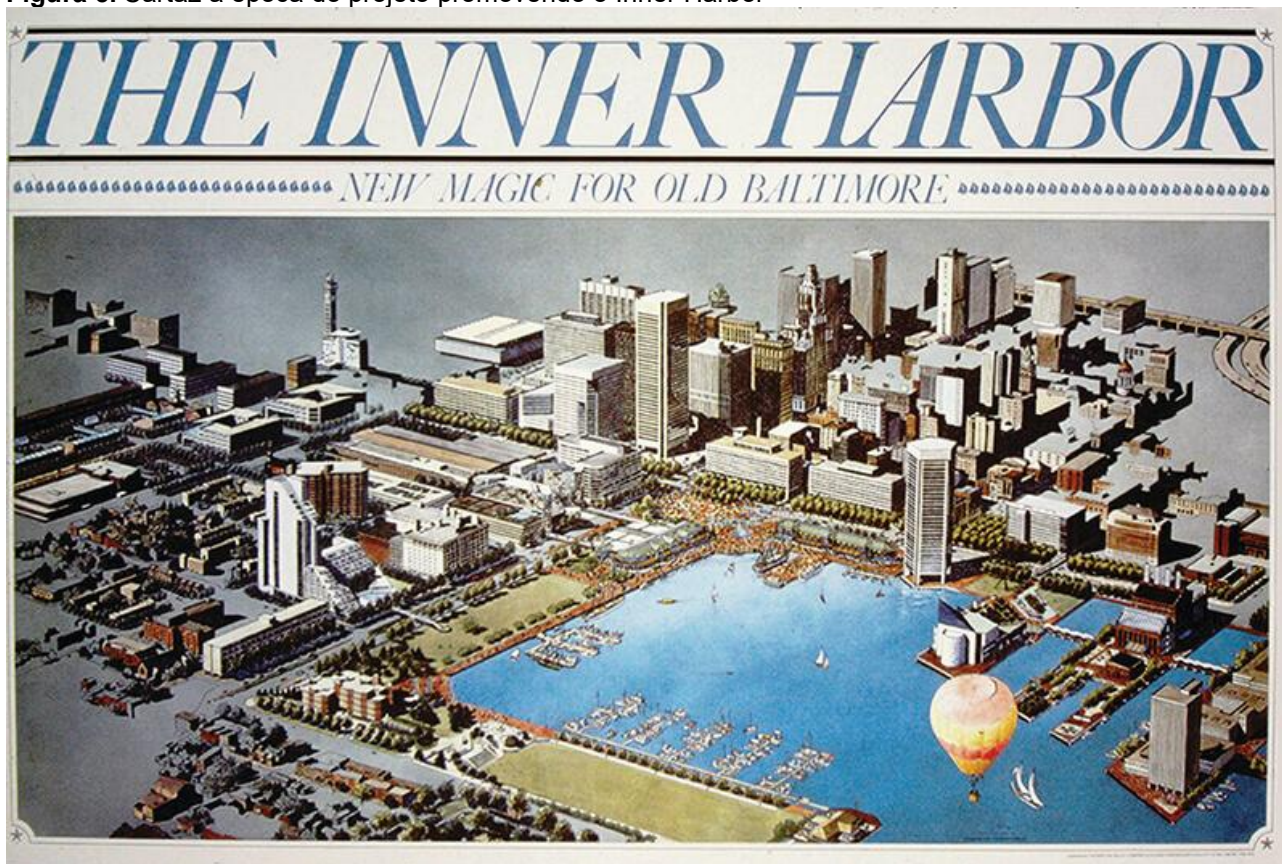
Embora algumas premissas tenham falhado, o movimento moderno transformou a forma de planejar e produzir as cidades até os dias atuais. As principais diferenças, desde então, surgem com a consolidação do modelo econômico neoliberal em todo o mundo. Durante as últimas décadas “as cidades se tornaram espaços cada vez mais centrais para a reprodução, transmutação e contínua reconstituição do neoliberalismo” (Theodore; Peck; Brenner, 2009, p. 10, tradução própria). As formas de intervenção no espaço urbano migraram de uma centralização do planejamento e decisões dos entes estatais para as instituições privadas, diminuindo a incidência dos grandes planos governamentais de reestruturação urbana e construção de novas cidades, culminando no surgimento e consolidação dos modelos privados de intervenção, aliados à desregulamentação e privatização de áreas em favor de empreendimentos (Theodore; Peck; Brenner, 2009, p. 9). Um dos exemplos iniciais desse tipo de intervenção foi a renovação urbana do Charles Center e do Inner Harbor em Baltimore (Figura 5), que priorizou funções simbólicas e econômicas, projetando experiências que transformam o espaço urbano em espaço privado de consumo (Harvey, 1977, p.293). Mesmo não seguindo mais à risca a carta de Atenas, os processos de zoneamento, delimitação, especialização e separação dos espaços urbanos foi, com outras conotações, acelerado no modelo neoliberal, evidenciados em formas determinantes, como a que:

domina atualmente a linha do horizonte de Manhattan. Localizado no extremo norte da High Line, o Hudson Yards representa o urbanismo orientado pelo mercado que tem transformado cidades como Nova York e Londres. Hudson Yards é um conjunto composto por condomínios luxuosos e habitações para aluguel, um hotel,

PENSAR FORA DO EIXO

escritórios, restaurantes e um centro comercial com as grifes mais caras. A praça é delimitada na sua parte sul por uma gigantesca estrutura adaptável, cujo objetivo é tornar-se um espaço artístico flexível para grandes apresentações, The Shed. Esse enorme empreendimento não encoraja atividades locais por parte dos cidadãos comuns [...]. Em contraste, Hudson Yards faz divisa em seu lado leste com o Garment District, uma comunidade diversa e vibrante, com pequenos e grandes negócios, [...] combinando habitação para pessoas das classes média e trabalhadora com escolas e igrejas. Essa comunidade complexa, frequentemente barulhenta e não regrada, tem sido capaz de evoluir e prosperar pelo último século e meio (Sendra; Sennett, 2025, p. 15-17).

Figura 5. Cartaz à época do projeto promovendo o Inner Harbor



Fonte: Baltimore Magazine, 2021.

As duas configurações urbanas descritas por Sendra e Sennett (2025) soam como um contraste entre a cidade pré-industrial e a cidade moderna. Analisando sob a ótica dos espaços públicos para lazer e atividades esportivas, como já citado: “o trabalho e o lazer se intercalavam no cotidiano do indivíduo” (Aquino; Martins, 2007, p. 485). Esse cotidiano parece estar representado na descrição do Garment District. A cidade vem, desde sua origem, em um processo pendular de criação de problemas e propostas de resolução. Se no mundo pré-industrial as pessoas tinham uma relação mais orgânica com o lazer e atividades esportivas e, ainda antes, as pessoas tinham mais contato com a natureza, afinal de contas, até a primeira revolução industrial a população era

PENSAR FORA DO EIXO

majoritariamente rural, essa organicidade se perdeu com a migração e consequente criação dos grandes centros urbanos, onde havia a extrema exploração do trabalho industrial, retirando o lazer do cotidiano das pessoas. A criação e manutenção dos espaços de lazer foi, com a abordagem das primeiras grandes intervenções urbanas, pulverizada nas cidades com parques e praças, posteriormente, houve as tentativas bucólicas de reencontro com as cidades-jardim, com o zoneamento moderno, esses espaços foram rigidamente delimitados. Por fim, com a consolidação do neoliberalismo, os espaços são mais escassos e, frequentemente, privatizados. A forma como esses espaços foram pensados e executados ao longo do tempo é um reflexo direto das teorias e pensamentos urbanísticos, contextos sociais e econômicos existentes em cada uma de suas épocas.

O que Sendra e Sennett (2025) apontam é que parece haver, no caráter mais diversificado ou desordenado de algumas configurações urbanas, uma melhor qualidade de vida. Não nos moldes do que foram as cidades medievais com suas ruas sinuosas, baixíssimo desenvolvimento científico e tecnológico, ou as cidades industriais com seus cortiços e poluição, mas nas diferentes experiências proporcionadas pela organicidade e qualidades das relações desenvolvidas no dia a dia urbano. Os espaços de lazer esportivos parecem seguir a mesma lógica, sendo mais bem aproveitados quando mais próximos das pessoas e no contexto dessa diversidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta exploração, observou-se que certos fenômenos são de fato inerentes à cidade e, em alguns casos, moldados por ela, como a configuração dos espaços de lazer e atividades esportivas no contexto urbano. As práticas de lazer e esporte remontam às cidades gregas, a Roma e às cidades medievais, no entanto, com a consolidação do fenômeno urbano em maior densidade, esses espaços passaram a ser concebidos de forma mais intencional, assumindo novas configurações a partir das transformações promovidas pelas intervenções urbanísticas. Ao longo do tempo, esses espaços receberam atenção especial de projetistas em determinados contextos, enquanto em outros, foram secundarizados.

Desde a consolidação da cidade industrial, o planejamento urbano buscou responder às crises de insalubridades e à perda da organicidade entre trabalho e ócio, características do período pré-industrial. As intervenções do século XIX, como as de Haussmann, Cerdà e Howard, evidenciaram um viés higienista, associando o lazer ao contato com a natureza como forma de restaurar a qualidade de vida urbana. O Movimento Moderno trouxe uma nova perspectiva por meio do

PENSAR FORA DO EIXO

zoneamento funcional, segregando as áreas de recreação em grandes sistemas de espaços verdes. Contudo, a transição para a cidade neoliberal, a partir da segunda metade do século XX, introduziu novos desafios. O planejamento, antes centralizado no Estado, cedeu espaço a modelos orientados pelo mercado, resultando na privatização e na escassez de espaços públicos, nos quais o lazer é frequentemente transformado em experiência de consumo em ambientes controlados. Nesse sentido, foi possível inferir que as soluções propostas pelos planejadores e projetistas evoluíram conjuntamente com o próprio fenômeno da cidade, acompanhando o *zeitgeist* de cada momento, bem como o próprio desenvolvimento das teorias e abordagens urbanísticas, refletindo, para além do próprio desenvolvimento científico, os contextos culturais, ideológicos, socioeconômicos e geográficos de cada época e lugar.

Uma exploração panorâmica dessa natureza proporciona uma visão abrangente de informações e uma reflexão sobre as cidades e sobre o planejamento urbano, especialmente no contexto contemporâneo, considerando especialmente os tipos de propostas e intervenções atualmente em curso, como os projetos megalomaniacos. Observa-se que, apesar da ampla disponibilidade de referências, estudos de caso, reflexões e críticas sobre as produções já realizadas, vários dos equívocos já cometidos persistem e, em alguns casos, são ampliados. O desafio para os estudiosos do fenômeno urbano e da cidade permanece significativo, porém a exploração realizada no artigo indica, apesar do que demonstram os acontecimentos passados, a existência de caminhos possíveis para a promoção de melhorias na qualidade de vida da (grande parte) da população, que vive nas cidades.

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem o apoio da instituição participante CNPQ, pela Bolsa de Produtividade em Pesquisa da terceira autora e ao Professor Dr. Alexsandro Ferreira Cardoso da Silva pelo estímulo à escrita do artigo.

REFERÊNCIAS

AIBAR, Eduardo; BIJKER, Wiebe E. Constructing a City: the Cerdà plan for the extension of barcelona. **Science, Technology, & Human Values**, [S.L.], v. 22, n. 1, p. 3-30, jan. 1997. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.1177/016224399702200101>. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/689964>. Acesso em: 28 dez. 2025.

AQUINO, Cássio Adriano Braz; MARTINS, José Clerton de Oliveira. Ócio, lazer e tempo livre na sociedade do consumo e do trabalho. **Revista Subjetividades**, Fortaleza, v. 7, n. 2, p. 479-500,

PENSAR FORA DO EIXO

set. 2007. Disponível em: <https://ojs.unifor.br/rmes/article/view/1595/3577>. Acesso em: 19 dez. 2025.

ARAÚJO, Ricardo. Arenas Esportivas: do conceito básico ao estado da arte. In: DACOSTA, Lamartine P. et al (ed.). **Legados de Megaeventos Esportivos**. Brasília: Ministério do Esporte, 2008. p. 553-555. Disponível em: <https://bibliotecadigital.gestao.gov.br/handle/123456789/600>. Acesso em: 18 dez. 2025.

BENEVOLO, Leonardo. **História da Cidade**. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007. 728 p. (1ª reimpressão). Tradução de: Silvia Mazza.

CASELLAS, Antònia. Barcelona's Urban Landscape. **Journal Of Urban History**, [S.L.], v. 35, n. 6, p. 815-832, 23 jun. 2009. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.1177/0096144209339557>. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/249679714_Barcelona's_Urban_Landscape_The_Historical_Making_of_a_Tourist_Product. Acesso em: 28 dez. 2025.

COSTA, Lucas Magalhães; OLIVEIRA, Paulo César de. Jogos bélicos na Espanha medieval: reconquista, memória e celebração da guerra. **Athlos: Revista Internacional de Ciencias Sociales de la Actividad Física, el Juego y el Deporte**, [S. L.], v. 17, n. 0, p. 39-61, maio 2019. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/7036004.pdf>. Acesso em: 18 dez. 2025.

GAMA-ROLLAND, Cintia Alfieri. Atividades físicas egípcias antigas: jogos, treinamento militar e a força real. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, n. 29, p. 7-19, 2017. Universidade de São Paulo. DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2448-1750.revmae.2017.140723>. Disponível em: <https://revistas.usp.br/revmae/article/view/140723/150906>. Acesso em: 18 dez. 2025.

GOMES, Paulo César da Costa. Cidadania e espaço público: o que a geografia tem a dizer?. In: **A condição urbana: ensaios de geopolítica da cidade**. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012. Cap. 6. p. 129-168.

HALL, Peter. A Cidade da Noite Apavorante: reações à Cidade Encortçada do Século XIX: Londres, Paris, Berlim, Nova York (1880-1900). In: **Cidades do Amanhã**. São Paulo: Perspectiva, 2005a. Cap. 2. p. 17-53.

HALL, Peter. A Cidade no Jardim: a solução cidade-jardim: Londres, Paris, Berlim, Nova York (1900-1940). In: **Cidades do Amanhã**. São Paulo: Perspectiva, 2005b. Cap. 4. p. 103-158.

HARVEY, David. El urbanismo y la ciudad: un ensayo interpretativo. In: **Urbanismo y desigualdad social**. Madrid: Closas-Orcoven, 1977. Cap. 6. p. 205-297. Tradução de: Marina Gonzalez Arenas.

HARVEY, David. O Pós modernismo na cidade: Arquitetura e projeto urbano. In: **A condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. 18 ed. São Paulo: Loyola, 2009 [1989].

IPHAN - Superintendência do Iphan no Distrito Federal. **Relatório do Plano Piloto de Brasília**. 4. ed. Brasília: Iphan DF, 2018. 140 p. Disponível em:

PENSAR FORA DO EIXO

<https://bibliotecadigital.iphan.gov.br/items/c8257202-fde8-4f25-813a-72914687a097>. Acesso em: 30 dez. 2025.

LAMAS, José M. Ressano Garcia. Introdução - a cidade moderna. In: **Morfologia urbana e desenho da cidade**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2007. Cap. 5.1. p. 297-322.

MUMFORD, Lewis. Paraíso paleotécnico: coker town. In: **A Cidade na História**: suas origens, transformações e perspectivas. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004. Cap. 15. p. 483-520. (2ª tiragem). Tradução de: Neil R. da Silva.

O GLOBO. **'The Line' em pausa**: arábia saudita freia cidade linear no deserto em meio à crise do petróleo; entenda. Arábia Saudita freia cidade linear no deserto em meio à crise do petróleo; entenda. 2025. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/epoca/noticia/2025/11/04/the-line-em-pausa-arabia-saudita-freia-cidade-linear-no-deserto-em-meio-a-crise-do-petroleo-entenda.ghml>. Acesso em: 16 dez. 2025.

PASTOR, Antonio Blanco; CANNIFFE, Eamonn; JIMÉNEZ, Carlos Jesús Rosa. Learning from Letchworth and Welwyn Garden City: garden cities' policies for the development of existing settlements in the contemporary world. **Land Use Policy**, [S.L.], v. 132, p. 106759, set. 2023. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.landusepol.2023.106759>. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0264837723002259>. Acesso em: 29 dez. 2025.

RITCHIE, Hannah; SAMBORSKA, Veronika; ROSER, Max. **Urbanization**: the world population is moving to cities. why is urbanization happening and what are the consequences?. 2025. Disponível em: <https://ourworldindata.org/urbanization>. Acesso em: 16 dez. 2025.

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 2004. 86 p. (6ª reimpressão). Coleção primeiros passos.

RUBIO, Katia. Do Olimpo ao Pós-olimpismo: elementos para uma reflexão sobre o esporte atual. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, n. 16, p. 130-143, mar. 2003. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rpef/article/download/138705/134046/269397>. Acesso em: 18 dez. 2025.

SANTOS, Milton. O meio técnico-científico. In: **A Urbanização Brasileira**. 5. ed. São Paulo: Edusp, 2013. Cap. 4. p. 37-51. (3. reimpr.). Coleção Milton Santos.

SENDRA, Pablo; SENNETT, Richard. **Desenhando a desordem**: experiências e disrupções na cidade. São Paulo: Perspectiva, 2025. 168 p. Tradução de: Maria Alice Junqueira Bastos.

THEODORE, Nik; PECK, Jamie; BRENNER, Neil. Urbanismo neoliberal: la ciudad y el imperio de los mercados. **Temas Sociales**, Santiago, v. 66, p. 1-12, mar. 2009. Disponível em: http://barcelonacomuns.pbworks.com/w/file/attach/64059073/2009_Urbanismo_neoliberal_brenner-peck-.pdf. Acesso em: 02 jan. 2026.

TOPALOV, Christian. Os saberes sobre a cidade: tempos de crise? **Espaços & Debates**: Revista de Estudos Regionais e Urbanos, São Paulo, n. 34, p. 28-37, mai. 1991.